

ENSINANDO ESTRATÉGIAS DE LEITURA COM CONTOS DE ANDERSEN¹

Ana Maria Martins da Costa Santos Langkilde²
Rosana da Silva Santos Jurazeky³
Vania Kelen Belão Vagula⁴

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar algumas possibilidades para o trabalho em sala de aula com contos do autor Hans Christian Andersen. Para tanto, retomamos aspectos de sua vida e obra, estabelecemos um diálogo entre alguns de seus contos e as estratégias metacognitivas de leitura, além de compartilhar com os leitores caminhos que percorremos na leitura de alguns de seus contos. A discussão realizada pauta-se na necessidade de sistematização do ensino de textos de qualidade literária na escola, buscando uma prática que leve o aluno a conhecer mais a literatura e a elaborar uma compreensão que extrapole a superfície textual. Deixamos assim, para cada leitor, o desafio da leitura dos contos aqui mencionados e a possibilidade de outras experiências de compreensão, conectando, questionando, inferindo, visualizando, resumindo e/ou sintetizando.

Palavras-chave: estratégias de leitura; contos de Andersen; ensino e aprendizagem; literatura; formação do leitor.

TEACHING READING STRATEGIES WITH ANDERSEN'S TALES

Abstract: This article aims to present some possibilities for working in the classroom with stories by the author Hans Christian Andersen. To do so, we return to aspects of her life and work, establish a dialogue between some of her stories and the metacognitive reading strategies, in addition to sharing with readers ways we have taken in reading some of her stories. The discussion is based on the need to systematize the teaching of texts of literary quality at school, seeking a practice that leads the student to know more about literature and to develop an understanding that goes beyond the textual surface. Thus, we leave to each reader the challenge of reading the stories mentioned here and the possibility of other experiences of understanding, connecting, questioning, inferring, visualizing, summarizing and/or synthesizing.

Keywords: reading strategies; Andersen's tales; teaching and learning; literature; reading formation.

¹ Recebido em xx/xx/xxxx. Aceito em xx/xx/xxxx

² Professora doutora, aposentada pela FCT/UNESP e diretora do Instituto Hans Christian Andersen. E-mail para contato: ana51langkilde@gmail.com.

³ Professora doutora, Colégio Anglo de Presidente Prudente-SP. E-mail para contato: rosana@anglopp.g12.br.

⁴ Professora doutora, coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Presidente Prudente-SP. E-mail para contato: vania_seudc@presidenteprudente.sp.gov.br.

1 Introdução

Tendo em vista a qualidade e vastidão da obra de Andersen⁵ trazemos o autor para o contexto deste artigo objetivando discutir a necessidade de maior divulgação de seus contos e aprofundamento do trabalho com a leitura de sua obra nas escolas. Ainda que alguns de seus contos sejam bastante conhecidos no universo escolar, como “O patinho feio”, muito do que escreveu ainda permanece distante deste público leitor.

A escolha deste autor que escreveu contos clássicos com temáticas atuais se justifica pela qualidade, pelo estilo e pelo senso crítico de suas mensagens. Contudo, há de se considerar na seleção de textos, aqueles com tradução, versão ou recriação comprometidas com a estética e a literariedade. Ressaltamos que conhecer um pouco da vida deste autor contribui para uma melhor compreensão de seus textos, visto que muito de sua vivência torna-se latente em seus escritos. Referenciando estes estudos encontramos em Menin (1999) uma gama de informações fundamentais para uma melhor compreensão da vida e obra de Andersen, pautando-nos nas traduções dos contos de Guttorm Hanssen (1981) e em versões de contos por Mary França (1997).

Explorar textos de qualidade, extrapolando a sua superfície, é papel essencial da escola. Para refletir sobre a necessidade de sistematização do ensino da leitura e da leitura da literatura com textos do Andersen, retomamos alguns aspectos teóricos no que se refere à escolarização da leitura, concepção de leitura, leitor e texto.

Apresentaremos, então, as estratégias de leitura postuladas por Harvey e Goudvis (2000): conexão (texto-texto, texto-leitor, texto-mundo), inferência, visualização, questionamento, sumarização e síntese, estabelecendo relações tangíveis entre os contos de Andersen e o ensino das estratégias de leitura na escola. Práticas individuais e coletivas de leitura, sistematização e planejamento do professor, bem como o registro escrito dos processos metacognitivos de leitura favorecem a compreensão global dos textos, as quais contribuem para a formação de um aluno leitor autônomo.

⁵ 156 contos, além de romances, poesia, peças para o teatro, livros de viagem, óperas e críticas literárias. Revista & Literatura em Revista, Cidade, v. , edição, 2020. DOI 123456789

2 Sistematizando o ensino da leitura

Magda Soares (1999, p. 47) afirma em seu artigo que a escolarização da literatura infantil é inevitável, porque é da essência da escola a instituição de saberes escolares; porém deve ser realizada de maneira adequada:

Adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar; inadequada é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando, e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou aversão ao livro e ao ler.

Consideramos prática adequada de escolarização da literatura e, em particular, a utilização dos contos de Andersen, o trabalho didático que considere as características da vida e da obra do autor e que leve o leitor para além da simples decodificação do texto, por meio do uso das estratégias de compreensão leitora.

Contudo, para entender um texto, não basta tomá-lo entre as mãos e decifrá-lo. O processo de construção de sentidos se desenrola num contexto de interações entre autor, leitor, texto e contexto, como já apontava Bakhtin⁶.

São as vivências e os conhecimentos adquiridos pelo leitor anteriormente ao seu contato com o texto que está lendo no momento, que possibilitarão interpretar construindo sentidos para o que está escrito.

Goulemot (1996, p. 115) chama o saber acumulado, pelo conjunto de leituras realizadas preliminarmente, de “biblioteca cultural” e, segundo ele:

O livro lido ganha seu sentido daquilo que foi lido antes dele, segundo um sentido redutor ao conhecido, à anterioridade. O sentido nasce, em grande parte, tanto desse exterior cultural quanto do próprio texto e é bastante certo que seja de sentidos já adquiridos que nasça o sentido a ser adquirido [...] Não há jamais compreensão autônoma, sentido constituído, imposto pelo livro em leitura. A biblioteca cultural serve tanto para escrever quanto para ler. Chega mesmo a ser, creio eu, a condição de possibilidade da constituição do sentido.

⁶ Aspectos mencionados por: BRANDÃO, Helena A. Nagamine. Escrita, leitura e dialogicidade. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1997. Revista & Literatura em Revista, Cidade, v. , edição, 2020. DOI 123456789

Sabendo que a compreensão dos textos lidos ocorre a partir daquilo que já se sabe previamente, o conhecimento sobre determinado escritor e o contato anterior com outros textos escritos por ele vão ampliando o rol interpretativo do leitor e as possibilidades de construção de sentido para seus escritos.

No caso específico do escritor H. C. Andersen, conhecer um pouco de sua vida, seus textos, o ambiente em que viveu - o qual se diferencia em muito do ambiente em que vivem, por exemplo, os leitores brasileiros – incorpora ao universo do leitor, novos elementos que não apenas justificam certos aspectos presentes em seus textos, como auxiliam entender intenções do autor e elaborar um sentido para o texto.

Contudo, conforme afirma Peter Hunt (2010), ao ler um texto, o sujeito não é capaz de se apropriar de todas as intenções do autor porque até mesmo para o autor esta compreensão total do texto é inacessível.

O ato de leitura, não é apenas percorrer novamente o mesmo percurso feito por quem o escreveu. Ler, assim como escrever, é um ato de produção: “ler é sempre produção de sentido [...] Não é encontrar o sentido desejado pelo autor [...] Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido” (GOULEMOT, 1996, p. 107-108). A compreensão elaborada pelo leitor, por sua vez, vai muito além daquilo que o escritor pode intentar ou prever. Ainda assim, entendemos que, quanto mais amplo forem os conhecimentos prévios e as experiências leitoras, melhor instrumentalizado estará para compreender o que lê. Neste sentido Kleiman (2010) afirma que é função do professor proporcionar situações para que seus alunos possam ampliar e ativar seu conhecimento de mundo, linguístico e textual, tendo a leitura como um dos meios para isso.

Como já afirmamos anteriormente, a pesquisadora Magda Soares destaca a relevância de sistematizar o ensino de literatura na escola. Corroborando suas ideias, consideramos que a obra de Andersen representa campo apropriado para explorar o ensino de diferentes estratégias de leitura. Por outro lado, salientamos ainda que grande parte dos contos deste escritor são complexos e densos devido a marcas estilísticas, necessitando da intervenção do professor para instrumentalizar os alunos a compreenderem de fato, a história.

Aprender a ler não é muito diferente de aprender outros procedimentos ou conceitos. Exige que a criança possa dar sentido àquilo que se pede que ela faça, que disponha de instrumentos cognitivos para fazê-lo e que tenha ao seu alcance a ajuda insubstituível do seu professor, que pode transformar em um desafio apaixonante o que para muitos é um caminho duro e cheio de obstáculos. (SOLÉ, 1998, p. 65)

Harvey e Goudvis (2000, apud Pearson; Dole; Dffy; Roehler 1992) mencionam que algumas pesquisas realizadas apontam que bons leitores utilizam as seguintes estratégias durante suas leituras:

- Conexão - buscam conexões entre o que já sabem e os elementos novos que o texto traz. Assim, podem relacionar o texto com outro texto lido, com experiências vivenciados pelo leitor ou com aspectos de ordem mais global, envolvendo qualquer aspecto que se refira ao mundo no qual vivemos;
- Questionamento – fazem questões ao texto, ao autor e a si mesmos;
- Sumarização – conseguem abalizar as ideias importantes das menos relevantes;
- Síntese – reorganizam as informações internamente relacionando o texto a outras experiências de leitura;
- Inferência – processo que leva a perceber aspectos implícitos no texto, monitorando o entendimento e consertando falhas de compreensão; e
- Visualização – criar imagens mentais para inferir significado.

Porém, o fato de bons leitores utilizarem-se dessas estratégias, mesmo que inconscientemente, não garante que todos chegarão a dominá-las. Ajudar os alunos a tornarem-se leitores proficientes é função da escola. Para essas autoras, práticas pedagógicas metacognitivas⁷ com o ensino dessas estratégias de leitura, ajudam o leitor a tornar-se consciente do processo de compreensão e a munir-se delas para construir sua compreensão de maneira progressivamente autônoma.

A metodologia de ensino de estratégias de leitura discutida por Harvey e Goudvis (2000), para a qual Giroto e Souza fizeram algumas adaptações considerando-se o trabalho com textos literários na realidade brasileira, propõe diferentes momentos para a aprendizagem e uso dessas estratégias.

No primeiro momento, denominado de modelagem, o professor explica a estratégia escolhida para ser trabalhada e demonstra como a utiliza para realizar uma

⁷ Este termo refere-se à metacognição, a qual consiste em pensar sobre o próprio processo de pensar. Assim, os leitores buscam explorar ao máximo e compartilhar com o grupo a maneira como elaborou seu pensamento para construir sua compreensão.

leitura, revelando aos alunos os percursos de seu pensamento. Posteriormente, os alunos irão utilizar a estratégia apresentada pelo professor em pequenos grupos, realizando a atividade escolhida e/ou elaborada pelo professor, de acordo com o que julgar mais adequado (cartazes âncora, folhas de pensar, teias de personagem etc.), com intervenções do professor nos grupos, orientando a discussão oral ou o trabalho escrito – chamado de prática guiada. Em seguida, tem-se a leitura independente, momento em que os alunos irão praticar sozinhos o uso da estratégia na leitura de um texto a ser escolhido por eles. Por fim, o grupo-classe realiza a avaliação da realização da oficina e sobre como utilizou a estratégia.

Para Harvey e Goudvis (2000), no ensino das estratégias é essencial a escolha de textos adequados que possibilitem o ensino e a utilização das mesmas. Uma vez que os textos de Andersen possuem características que possibilitam o ensino de todas as estratégias mencionadas, discutiremos a seguir algumas relações possíveis entre sua obra e as estratégias de ensino aqui abordadas.

3 Os textos de H. C. Andersen e o ensino de estratégias de compreensão leitora

3.1 O autor e a obra

Hans Christian Andersen nasceu em Odense, Dinamarca, a 2 de abril de 1805. Filho de um humilde sapateiro – Hans Andersen – e de uma lavadeira – Anne Marie Andersdatter –, nunca escondeu sua origem. Ao contrário, orgulhava-se dela; considerava-se um representante na nobreza de espírito sobrepondo-se a de nascimento.

Andersen sofreu as dolorosas diferenças de classe social, pois era um menino do proletariado dinamarquês, mas transformou-se em uma celebridade europeia rodeada de duques e reis. Sua “história” é contada em grande parte em suas obras, a sua própria vida é um “conto de fadas” porque era pobre, sofreu humilhações, amou, mas nunca teve seu amor correspondido, porém supera tudo, tornando-se reconhecido e respeitado por sua vasta obra.

Muitos dos seus contos remetem-nos a aspectos de sua vida, como em “O patinho feio”, porque o patinho era incompreendido, achava-se feio, estranho, mas uma característica constante faz revelar o autor e o homem: a perseverança e a busca contínua por vencer obstáculos e conquistar vitórias; ou “O rouxinol”, apontando para o

fato de que somente aqueles com espírito elevado podem perceber a beleza de seu canto; ou ainda “A pequena vendedora de fósforos”, que no último dia do ano, passando frio e fome, morre na rua. A familiaridade destes temas com a vida pobre do autor chama mais uma vez atenção para o que é fundamental em sua obra: a essência se sobrepõe à aparência.

Andersen considerava-se, por esta razão, mais do que um escritor, mas um poeta, porque a percepção do belo, do simples somente pode ser encontrada em poucos privilegiados, entre eles os poetas. A arte, segundo Andersen “une príncipes e pastores; princesa e criadinhos; flores e animais; e o mais simples seres inanimados; tudo num mesmo animismo vital, numa mesma ternura” (CARVALHO, 1989, p. 110). Porém, o autor dinamarquês é também considerado um crítico social, pois sua obra é marcada por censuras contundentes à sociedade à sua época.

Andersen escreveu 156 contos e grande parte deles foi traduzida para mais de 100 idiomas. Aqueles entre 1835 até 1857 são os que circulam no ambiente escolar brasileiro; dentre os mais conhecidos temos: “A princesa e o grão de ervilha” (1835), “A pequena sereia” (1837), “O soldadinho de chumbo” (1838), “O patinho feio” (1845), “A pastora e o limpador de chaminés” (1846), “A pequena vendedora de fósforos” (1848), “Cinco ervilhas numa viagem só” (1855) entre outros.

Os contos de Andersen tornaram-se clássicos porque possuem temáticas atuais, o estilo inovador da escrita do texto, o reforço retórico, o uso de símbolos, a riqueza poética, a crítica social apresentada de maneira sutil encantam e provocam os leitores.

De acordo com Cosson (2006, p. 34) “obras atuais são aquelas que têm significado para mim em meu tempo, independente da época de sua escrita ou publicação”. Neste sentido, por mais que tenham sido escritas em um momento distante temporalmente dos dias atuais, os contos escritos por Andersen tornam-se atuais a cada (re) leitura que fazemos.

Por esta razão, os contos deste autor dinamarquês foram eternizados e são fonte rica para o trabalho do professor em sala de aula e, em particular, para o uso das estratégias de leitura.

3.2 A obra e as estratégias de leitura

Queremos citar aqui o livro **Andersen e as estratégias de leitura: atividades práticas no cotidiano escolar** no qual, as autoras Santos e Souza (2011), com muita propriedade, relacionam a obra deste escritor ao ensino de estratégias de leitura. Analisando três de seus contos, elaboram propostas para o trabalho em sala de aula com cada uma das estratégias mencionadas neste artigo.

Contudo, neste artigo, queremos relembrar a obra de Andersen como fonte adequada de bons textos para o ensino dessas estratégias. Para tanto, compartilhamos caminhos que percorremos na leitura de alguns de seus contos, deixando para cada leitor, o desafio da leitura desses textos e a possibilidade de outras experiências de compreensão conectando, questionando, inferindo, visualizando, resumindo e/ou sintetizando.

Considerando-se que a obra de Andersen só pode ser lida em português a partir de alguma tradução, versão ou recriação⁸, a escolha da fonte torna-se relevante. Os contos deste autor foram traduzidos para mais de 100 línguas e muitas vezes estas traduções, versões ou recriações nada têm a ver com o original. Assim, recomendamos o uso de versões ou adaptações veiculadas por editoras comprometidas com a qualidade estética e literária dos textos. Neste sentido, remeteremo-nos, neste artigo, à tradução extraída de **Contos de Andersen**, traduzido por Guttorm Hanssen, da editora Paz e Terra, 1981, e a de Mary e Eliardo França, da editora Ática, 1997.

A leitura do conto “O patinho feio” proporciona conexões com textos mais atuais e de diferentes gêneros como “A galinha que sabia nadar” e o filme “Putz! A coisa tá feia”. Este é considerado por pesquisadores como Menin (1999) e Jurazeky (2007) um dos contos de maior circulação no cotidiano escolar, contudo o aspecto enfatizado pela escola que privilegia a dicotomia entre feio x bonito e não a essência x aparência. O patinho feio quer responder sempre a uma mesma e única pergunta: quem sou eu? Neste sentido, fazer conexões com experiências individuais ou aspectos mais globais envolvendo o processo de constituição da identidade pode auxiliar o leitor a compreender o texto. Se isso já é possível na leitura individual, a realização da leitura

⁸ Segundo Menin (1999, p. 63 apud THEODOR, E. 1976) tradução é um “trabalho consciente e exato de transposição de um idioma para outro, entretanto desprovido de cunho artístico”. A versão consiste em “trabalho de transposição, exato e artístico”. E a recriação “trabalho de passagens de um texto para outro idioma, artístico, mas pouco exato”. Estas definições são mencionadas em: Theodor, E. **Tradução ofício e arte**. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

por um grupo, compartilhando como foram feitas as conexões e construídos os sentidos para o texto, corrobora para a ampliação do universo interpretativo do leitor a partir da experiência do outro também.

Ao ler os textos de Andersen, viajamos em nossa mente, visualizando cenários, paisagens e personagens com as descrições e os detalhes relevantes. Isso convida o leitor para adentrar ao texto, chamando sua atenção e instigando-o a prosseguir a leitura, como no trecho do conto “A Rainha da Neve” transcrito a seguir:

Em frente a cada janela os pais das crianças tinham instalado uma caixa de madeira, cheia de terra e nele cresciam hortaliças para a cozinha. Havia ainda uma roseira em cada caixa, alta e viçosa. Colocaram as caixas atravessadas sobre a calha, de maneira que quase iam de uma janela a outra, e pareciam direitinho dois tabuleiros de flores. A ramagem dos pés de ervilha pendia sobre as caixas, e os longos ramos das roseiras rodeavam as janelas e entrelaçavam-se uns nos outros, formando como um arco do triunfo de folhas e flores. As caixas eram altas e as crianças sabiam que não deviam trepar nelas. (HANSSEN, 1981, p. 265-266).

Esse excerto da história ajuda-nos a criar imagens mentais a partir dos elementos nele descritos e a ir construindo uma compreensão para o texto. A última frase que o compõe pode suscitar em quem lê um questionamento sobre se haverá algum evento relacionado a essas caixas nas quais as crianças não podiam subir. É característica do autor ir inserindo elementos no texto que ficam temporariamente em suspenso para relacioná-los posteriormente a outros aspectos ou eventos e que serão relevantes para facilitar a compreensão. Assim, o narrador informa ao leitor que as crianças, Gerda e Kay, sabiam daquilo que podiam ou não fazer, sobre o certo e errado; e mais adiante na narrativa, a personagem Kay vai para a praça sem permissão e amarra o seu trenó à carruagem da Rainha da Neve.

No conto “A Rainha da Neve” outra pista significativa: refere-se espelho que se quebra e se espalha pelo espaço, cada caco com o mesmo poder dos demais. Isto que inicialmente pode parecer um detalhe, revela-se posteriormente como essencial na trama do conto porque um destes pequenos fragmentos do espelho entra no coração e nos olhos de Kay, fazendo-o ver a tudo e a todos negativamente; além disso, a simbologia da entrada do caquinho nos olhos (razão) e no coração (emoção) é um dos aspectos marcantes do estilo de Andersen.

Ao relacionar diferentes informações e aspectos que vão sendo apresentados ao longo do texto, aliados ao conhecimento prévio do leitor que infere ou estabelece conexões, vão sendo costuradas as partes do texto, conferindo sentido a ele.

Um outro exemplo, entre muitos que encontramos na obra de Andersen, é o conto “O menino mau”, em que as informações sobre o garoto – cabelos louros, com “cacho gracioso” (HANSSEN, 1981, p. 59) e o arco que possuía – são inseridas aparentemente como que por acaso mas, puro enfeite, revelam-se posteriormente essenciais para compreender quem era aquela personagem, e mesmo, elaborar a

compreensão global do texto, pois aquele menino é revelado como sendo o Cupido: o deus do amor.

Na leitura do conto “Cinco grãos de uma vagem só”, entre outras estratégias que podem ser postas em prática para compreender o texto, o leitor é levado pela trama a fazer questionamentos tais como: para onde cada um dos cinco grãos iria após serem retirados da vagem e o que fariam; qual conseguiria ir mais longe. Ao final, apresenta-se a conclusão, a vagem que ficou com a menina pobre e doente foi a que foi mais longe porque, mais do que ser apenas uma vagem, tornou-se um fio de esperança para a menina adoentada. A estratégia possibilita a elaboração não apenas de “perguntas magras” que são objetivas, como por exemplo: sobre as personagens, o local da trama dentre outras informações que o leitor pode retirar da superfície do texto, como também de “perguntas gordas” que são aquelas cuja resposta está implícita, solicitando um trabalho de compreensão por parte do leitor/aluno.

As traduções, versões e recriações que valorizam a beleza estética e literária da obra de Andersen são ricas em detalhes, elementos inferenciais e estilísticos que conferem qualidade e complexidade de sua produção. Esses textos são propícios para o ensino de estratégias de sumarização e síntese, para as quais o aluno precisa identificar o que é primordial e o que é secundário. Ao sumarizar o leitor destaca no texto o que é essencial, que não pode ser retirado sem prejuízo da compreensão. Ao mesmo tempo, descarta tudo aquilo que é apenas complementar e que não interfere diretamente na elaboração do sentido do texto.

A síntese só pode ser feita a partir da sumarização. É a reconsideração daquilo que foi destacado como primordial no texto, para construir um novo texto que é agora uma produção do leitor. Mantém o que é primordial, mas ao ser uma construção, a partir do texto lido, contemplará a compreensão do leitor sobre aquilo que julgou ser a base do texto, podendo ser inseridas inclusive suas inferências.

O conto “O rouxinol” é uma história rica em detalhes, apresentando vários elementos essenciais e outros secundários que envolvem o leitor na leitura da narrativa, como por exemplo no trecho em que os cavaleiros saem à procura do rouxinol na floresta, mas apenas a menina que era ajudante de cozinheira, em sua simplicidade, sabia onde encontrá-lo. Sua leitura convida a sumarizar e a sintetizar, para que o leitor não se perca nos detalhes e possa chegar a uma compreensão total, tanto mais próxima quanto possível do texto original. A descrição do cenário, bem como as reações dos cavaleiros a cada som ou animal visto na floresta pode ser lido como aspectos secundários no texto; já a impressão da menina sobre os sons, os animais, enfim a beleza da floresta, é um dos aspectos essenciais para a compreensão textual porque retoma uma das temáticas marcantes nos contos de Andersen, isto é, os puros de coração são capazes de perceber a beleza em pequenas coisas, a beleza da vida, reforçando o princípio de que a essência se sobrepõe à aparência. Portanto, por meio do uso das estratégias de sumarização e síntese o leitor é levado a compreender globalmente o texto.

Podemos perceber que as estratégias metacognitivas de leitura abordadas por Harvey e Gowdvis (2000) estão relacionadas e muitas vezes utilizam-se várias delas ao

mesmo tempo. É possível ainda recorrer a uma delas para depois poder utilizar-se de outra. Assim, podemos conectar para inferir, fazer perguntas para inferir mais adiante no texto, inferir para sintetizar, sumarizar para sintetizar etc.

Contudo, a proposta destas autoras é a de que, em sala de aula, há uma necessidade de sistematização e de efetuar-se um recorte. Desta forma, propõem que o professor trabalhe com o ensino de uma estratégia de cada vez, selecionando textos adequados para isso ou permitindo que os alunos escolham. Sendo essa uma metodologia de ensino metacognitiva, no primeiro momento o professor faz uma modelagem, ou seja, define a estratégia que será trabalhada e, em seguida, demonstra para os alunos como utiliza a estratégia durante a leitura, descrevendo os caminhos de seu pensamento neste processo. No momento seguinte, os alunos vivenciam o uso dessa estratégia em grupos e guiados pelo professor. Posteriormente, irão fazê-lo individualmente.

Esses três momentos são sempre acompanhados de atividades escritas para levar o aluno a registrar seus processos de pensamento ao utilizar a estratégia, buscando-se também perceber como o uso da estratégia contribui para que o leitor construa os sentidos do texto. Ao compartilhar com o grupo seus processos de pensar para utilizar as estratégias de leitura, amplia-se o repertório dos outros componentes do grupo que vão percebendo diferentes maneiras de elaborar a compreensão para os textos, tornando-se assim, cada vez mais consciente sobre como ocorre esse processo.

4 Considerações finais

Entendemos que os contos de Andersen, por sua qualidade literária, pelas características estilísticas do autor, constituem-se um vasto campo para o ensino das estratégias de leitura, por meio de experiências significativas nas quais se busque construir sentidos. Seus escritos apresentam, muitas vezes, um novo mundo, diferente do nosso cotidiano, mas que ao mesmo tempo dialoga com a realidade na qual estamos inseridos. Como todo texto clássico, os escritos por Andersen, ainda que em um contexto bastante diferente da realidade brasileira, também nos fascinam, pois abordam aspectos comuns a qualquer sociedade como valores, princípios, constituição da identidade, interações humanas etc.

O fato de seus contos, além de revelarem qualidade renomada, possuírem características diferentes da maioria dos clássicos, como os de Perrault, Jacob e Wilhelm Grimm, contribuem para ampliar as experiências dos leitores em formação, trabalhando com modelos diferenciados, bem como apresenta distintas possibilidades de constituição dos sentidos.

Considerando-se que os sentidos são constituídos na relação dialógica entre autor, leitor e contextos sociais, a sala de aula apresenta-se como espaço propício para a formação do leitor. Essa formação, segundo autores como Solé (1998), Soares (1999), Harvey e Goudvis (2000), Cosson (2006), Girotto e Souza (2010), não só pode como deve ocorrer de forma sistemática na escola, visto que a didatização de todos os

conteúdos de ensino é papel fundamental da escola. No grupo que constitui uma sala de aula, podem ser vivenciadas inúmeras experiências de leitura individual e/ou compartilhando com os outros os sentidos elaborados individualmente, onde, com auxílio e orientação do professor, os mistérios dos textos vão sendo desvelados.

Ler Andersen ou qualquer outro escritor, refletindo e registrando seus processos mentais, compartilhando com outros suas maneiras de pensar ao elaborar sentidos, pode ser uma situação diferente daquela que se apresenta como ideal para desfrutar a leitura literária. Contudo, entendemos que o ensino de estratégias metacognitivas configura-se apenas como uma das muitas práticas de leitura que podem estar presentes na escola.

A literatura precisa ser ensinada na escola por meio de bons textos e de práticas coerentes que auxiliem o aluno a ampliar seus processos de compreensão, buscando sempre os sentidos daquilo que lê. Quanto melhor instrumentalizado estiver o leitor, quanto mais amplas e significativas forem suas experiências com textos deste gênero, mais fácil será ser atraído para outras leituras e que consiga desfrutar do prazer que elas podem lhe proporcionar.

Referências

- CARVALHO, B. V. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. São Paulo: Global, 1989.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FRANÇA, Eliardo. *O patinho feio*. São Paulo: Ática, 1997.
- GIROTTI, C. G. G.S.; SOUZA, R. J. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, Renata Junqueira (org). *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.
- GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 107-116.
- HANSEN, Guttorm. *Contos de Andersen*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1981.
- HARVEY, S.; GOUDVIS, A. *Strategies that work: Teaching comprehension to enhance understanding*. York, ME: Stenhouse, 2000.
- HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- JURAZEKY, R.S.S. “O patinho feio” e “O rouxinol e o imperador da China”, de Hans Christian Andersen: a literatura infantil em uma 4ª série do ensino fundamental em Presidente Prudente – SP. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista, 2007

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas, SP: Pontes, 2010.

MENIN, AM.C.S. *O patinho feio de Hans Christian Andersen: o “abrasileiramento” de um conto para crianças*. Assis: Universidade Estadual Paulista, 1999.

SANTOS, A. M. M. da C.; SOUZA, R. J. *Andersen e as estratégias de leitura: atividades práticas no cotidiano escolar*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

SILVA, Duarte. *Andersen e sua obra*. Portugal, Lisboa: Livros Horizonte, 1995

SOARES, M. A escolarização da literatura infanto-juvenil. In: Martins, A.A.; Brandão, H. M. E; Machado, M. Z. V. *Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 17 – 48.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.